

A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID COM A UTILIZAÇÃO DO ESTUDO DE CAMPO PARA O PROCESSO ENSINO- APRENDIZAGEM GEOGRÁFICA DOS ALUNOS DA ESCOLA POLIVALENTE, CAMPINA GRANDE-PB

CASTRO, Hianny Renally Pereira de - Aluna do ensino básico

PESSOA, Pedro Henrique Costa -Aluno do ensino básico

MORAIS, Nathália Rocha- Licencianda em Geografia pela UEPB

Bandeira , Ana Maria Canuto - Professora Supervisora

MELO, Josandra Araújo Barreto de - Professora Coordenadora-UEPB

Subprojeto: Geografia

Resumo: O ensino de Geografia emerge nas escolas como uma disciplina maçante e desestimulante aos olhos dos alunos, pelo fato de ser percebida sob um elevado grau de abstração. Nessa perspectiva, o PIBID/CAPES/UEPB vem desenvolvendo atividades, na Escola Polivalente, Campina Grande-PB, dentre as quais a que mais entusiasmou os educandos foi a prática de estudos de campo, pois a partir dela pode-se estabelecer uma conexão entre os conteúdos estudados em sala e a realidade. Assim, esta proposta busca apresentar de que forma os alunos avaliam a atuação da equipe PIBID durante a abordagem dos conteúdos de Geografia.

Palavras- chave: Estudo de Campo, PIBID, Docência, Estudo de Geografia, Aprendizagem.

1. Introdução

A idéia veiculada no campo da educação é de que o professor é o mediador da interação entre os discentes e o saber escolar uma vez que, sendo portador do conhecimento, influencia diretamente o processo de aprendizagem do aluno. A veracidade de tal afirmação é algo unânime entre os estudiosos educacionais; porém, supõe que o educador esteja em constante processo de renovação metodológica e conceitual.

O programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES/UEPB) pode ser entendido como uma iniciativa advinda do ensino

superior cuja finalidade está centrada numa perspectiva que busca inserir o professor da educação básica nos desafios que a sociedade e o processo de ensino-aprendizagem apresentam atualmente. Faz-se necessário, então, inventar um novo professor, como assegura Passini (2010).

“Inventar” um professor diz respeito a (re)formular e (re)construir alguns paradigmas que não mais condizem com as exigências do alunado e que continuam arraigadas na metodologia do docente. Ocorre que os desafios que a prática docente apresenta na atualidade dizem respeito a inúmeros fatores relacionados à atualização conceitual que cada profissional necessita para que sua prática docente permaneça fluida e inovadora. Isto justifica a recente preocupação com a aproximação da escola com o saber acadêmico.

O papel do PIBID nesse contexto garante que o professor fique por dentro de alternativas inovadoras capazes de superar o tradicionalismo vigente na Geografia do ensino básico. O estudo de campo, entendido como a ida a um determinado espaço objetivando-se abstrair do mesmo os conhecimentos geográficos de valor didático para as aulas, é uma alternativa importante no que diz respeito à inovação metodológica que o professor de Geografia necessita.

Cavalcanti (2010) afirma que,

Na Geografia, a paisagem, como dimensão aparente da realidade, constitui um objeto inicial da observação. A paisagem problematizada, por meio de uma observação direta do lugar de vivência do aluno ou de uma observação indireta de uma paisagem representada, pode fornecer elementos importantes para a construção do conhecimento referente à espacialização nela materializada (p.146-147).

A observação *in loco* da paisagem, permite que a percepção dos fatos não fique apenas no plano sensorial da visão (como no livro didático, por exemplo). Ela vai muito além disso e permite que o aluno estando mais próximo da paisagem, e sendo ao mesmo tempo parte dela, adquira seu conhecimento por meio da utilização dos demais sentidos o que o torna mais completo, em tese.

“O estudo do meio propicia o contato direto do educando com o objeto do conhecimento, facilitando o resgate do conhecimento prévio e a transposição didática para o conhecimento científico” (MALYSZ, 2010, p. 172). O conhecimento científico se concebe a partir da análise preliminar da realidade criada pelo senso comum, daí a

relevância que adquire o estudo de campo ao aproximar os fatos em curso na sociedade aos alunos.

É baseado nessa proposta de uma maior aproximação entre aluno e conhecimento escolar que o referido estudo apresenta o estudo do meio como uma alternativa bastante funcional na Escola Polivalente em Campina Grande, uma vez que através dele professor e educandos descobrem novas formas de ensinar e aprender.

2. Contribuições do Estudo de Campo para o aprendizado geográfico

A atuação da equipe PIBID durante as aulas de Geografia possibilitou aos alunos a prática de estudos de campo, muito cobrados nesta disciplina. Esse tipo de atividade é bastante valorizada pelo fato de aproximar o conteúdo estudado em sala da realidade vivida cotidianamente pelos discentes.

A temática relacionada aos domínios mofoclimáticos brasileiros foi trabalhada em sala de aula na turma de 2º ano, a utilização da aula de campo surgiu mediante a necessidade de exercer maior interação e aplicabilidade entre o conteúdo estudado e a vivência do estudante, almejando que o discente construa seu olhar geográfico sobre o meio. Dessa forma aproveitou-se o evento da Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, em que se realizou uma visita ao Instituto Nacional do Semiárido (INSA), onde os alunos puderam ver mais a respeito das características do semiárido e das diversas formas elaboradas pelo ser humano para conviver com essas peculiaridades, conforme vídeo: <http://geografianopibid.wordpress.com/2012/12/11/visita-ao-insa/>

Pode-se trabalhar numa perspectiva de escala local relacionando o assunto estudado -domínio Caatinga- com o que foi exposto no INSA. A aula de campo proporcionou nos discentes maior identificação com a temática, visto que a exposição abordava um conteúdo voltado para a realidade do aluno, onde o mesmo passar a entender na prática o lugar onde vive e saber a importância de conviver e preservar. Cirino; et al. (2009, p. 4) afirma:

Desta forma o trabalho de campo surge como importante ferramenta de desconstrução do olhar puro e simples, aquele que olhamos sem perceber as relações e transformações ocorridas. Entendo efetivamente como o espaço se apresenta, pois não bastaria somente o contato teórico em sala mais como complementação o campo, a visualização do real.

Na abordagem referente ao conteúdo sobre a Região Nordeste, realizou-se uma visita à Agência Executiva de Gestão das Águas (AESAs), onde os alunos puderam conhecer o espaço, como é desenvolvido o trabalho desse órgão e relacionar com a temática trabalhada em sala de aula, aprendendo mais a respeito dos aspectos climáticos do Nordeste, em especial o Estado da Paraíba.

Durante a visita, os estudantes obtiveram explicações sobre como é realizado as previsões meteorológicas, os principais fatores que determinam o clima da região Nordeste, quais são os reservatórios de água que abastecem o Estado paraibano, almejando estabelecer consciência crítica sobre a importância e manejo dos recursos hídricos. Conforme vídeo: <http://geografianopibid.wordpress.com/2013/08/03/aula-de-campo-aesa/>

A aula de campo exerceu maior interação e aplicabilidade entre o conteúdo estudado e a vivência do estudante, pois amplia as formas de aprendizagem, uma vez que no campo o discente pode observar algo que passou despercebido na sala de aula e acrescentar novas informações sobre o conteúdo estudado. Assim essa ferramenta metodológica permite que o estudante exerça sua ótica crítica, no qual passar a observar e refletir sobre a organização de seu espaço geográfico, uma vez que:

Há, pois necessidade de construir uma Geografia escolar que permita aos 'alunos estabelecer conexões entre os conteúdos ensinados em sala de aula para além do espaço da escola. É possível pensar num ensino de Geografia não esteja desvinculado da realidade dos alunos, em que o ensino dos conteúdos geográficos não esteja apenas centrado na fala do professor, no quadro, no livro didático, nos questionários e nas correções (REZENDE; PIRES, 2009 p. 3).

Outra aula de campo ocorreu em uma visita ao Museu Vivo da Ciência e da Tecnologia - Campina Grande/PB, que possui grande acervo de exposições relacionado a diversos assuntos das ciências e tecnologias (inclusive a Geografia), com apresentação de experimentos lúdicos e educativos (como o simulador de terremoto), sala de meio ambiente e reciclagem, fontes de energia entre outras temáticas com questões relacionadas a elementos do dia a dia das pessoas.

A visita ao museu foi bastante construtiva, uma vez que os alunos participaram de diversas atividades que deram aplicabilidade a diversos conteúdos apreendidos em sala de aula, promovendo o desenvolvimento do saber geográfico dos discentes, de modo bastante interativo e divertido.

A partir de da introdução da aula de campo, nota-se vêm conseguindo promover ações de melhoria do ensino. Logo, esse recurso metodológico enriqueceu as aulas de Geografia, tornando-as mais criativas e interessantes, com alunos bem mais participativos e capacitados para interpretar os fenômenos geográficos, melhorando a qualidade no processo ensino-aprendizagem.

3. Considerações Finais

A participação dos alunos universitários, futuros professores, foi muito positiva nas aulas de Geografia uma vez que possibilitou aos alunos a aproximação não apenas com novas formas de estudar, mas abriu novos horizontes acerca do que é a universidade e o que ela tem a oferecer.

As aulas de campo facilitaram a compreensão dos conteúdos e dinamizaram muito a disciplina, enquanto a professora regente teve a oportunidade de rever a forma como vinha atuando em sala de aula. Logo, avalia-se positivamente a experiência vivida na escola através do PIBID, que representa um mecanismo de inovação para o ambiente escolar.

4. Agradecimentos

Os autores agradecem o apoio concedido, mediante bolsas, efetuado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID.

REFERÊNCIAS

A GEOGRAFIA NO PIBID. *Visita ao INSA*. Campina Grande, 11 de Dezembro 2012. Disponível Em: <http://geografianopibid.wordpress.com/2012/12/11/visita-ao-insa/>. Acesso em: 03 de Agosto de 2013.

BARRETTO, Elba Siqueira de Sá. *Políticas e práticas de formação de professores da educação básica no Brasil: um panorama nacional*. RBPAAE, Rio Grande do Sul, vol. 27, n. 1, 39-52, jan./abr. 2011.

CAVALCANTI, Agostinho Paula Brito. Abordagem metodológica do trabalho de campo como prática pedagógica em Geografia. In.: *Geografia Ensino e Pesquisa*, v. 15, n. 2, p. 165-176, maio/ago. 2011.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. 16 ed. Campinas: Papirus, 2010.

CIRINO, Bruna; et al. *A Importância dos Trabalhos de Campo nas Aulas Sobre Meio Ambiente para Turmas de Ensino Fundamental*. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Porto Alegre: 2009.

Disponível Em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20\(4\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/Poster/P%20(4).pdf)

FALCÃO. W. PEREIRA. W. A Aula de Campo na Formação Crítico/cidadão do aluno: Uma Alternativa para o Ensino de Geografia. In: *ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA– ENPEG*, 10, Porto Alegre, RS, 2009.

FARINA, B. C.; GUADAGNIN, F. Atividades práticas como elementos de motivação para a aprendizagem em geografia ou aprendendo na prática. IN: *Geografia: Práticas Pedagógicas para o Ensino Médio*. (Org.) REGO, N; CASTRIGIOVANNI, A. C. e KAERCHER, N. A. Porto Alegre: Artmed, 2007

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

LACOSTE, Yves. A Pesquisa e o Trabalho de Campo: Um Problema Político para os Pesquisadores, Estudantes e Cidadãos. In: *Boletim Paulista de Geografia*. São Paulo: AGB, n. 84, p. 77 – 92, 2006.

LIBÂNIO, José Carlos. Princípios e características da gestão escolar participativa. In: _____. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. Goiânia: Editora Alternativa, 2001, p. 110-120. Capítulo 07.

MALYSZ, Sandra T. Estudo do meio. In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R & MALYSZ, S. T. (orgs.) *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. 02 ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 171-177.

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de geografia: um retrato desnecessário. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). *A geografia na sala de aula*. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 34-49, cap. 03

PASSINI, Elza Yasuko. Convite para inventar um novo professor. In: PASSINI, E. Y; PASSINI, R & MALYSZ, S. T. (orgs.) *Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado*. 02 ed. São Paulo: Contexto, 2010, p. 32-51..

REZENDE, Danyla Martins; PIRES, Lucineide Mendes. *A Visão dos Alunos do Ensino Médio Sobre O Ensino de Geografia: Um Estudo de Caso do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos*. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, Porto Alegre: 2009.

Disponível Em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20\(21\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT4/tc4%20(21).pdf)